

DOSSIER **Caju**

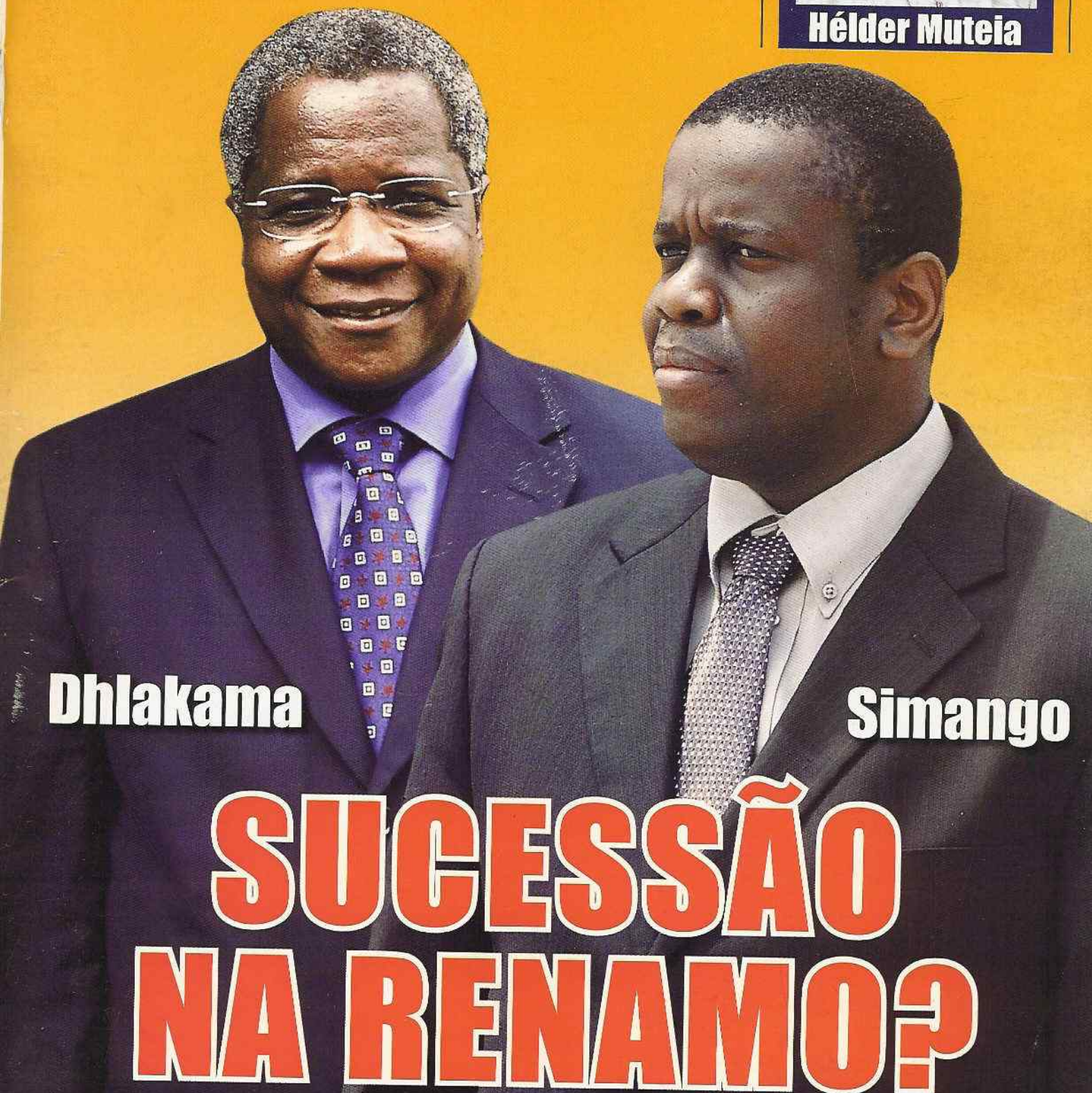
N.º 22 - NOVEMBRO 2005
50.000 MT

mais

ENTREVISTA



Hélder Muteia



Dhlakama

Simango

SUCCESSÃO NA RENAMO?

SOCIEDADE **Dubai**

DESPORTO **CAN 2010**

TURISMO **Durban**

MOTORES **Renault Modus**

Dhlakama cada vez mais ofuscado

Afonso Dhlakama, líder da RENAMO-União Eleitoral, coligação que constitui a maior força de oposição em Moçambique, está a passar por uma fase de cavado ofuscamento pessoal e político de efeitos negativos para ele próprio, mas em especial para a organização a que preside. Dados disponíveis sobre o assunto consideram frouro, desacertado e menos mobilizador o actual desempenho do antigo líder guerrilheiro.

■ Por REFINALDO CHILENGUE

O desaire da RENAMO-UE nas terceiras eleições gerais (presidenciais e legislativas) realizadas em 2004 é, em parte, atribuído aos *handicaps* da liderança de Dhlakama, embora analistas competentes acreditem que o factor principal tenha sido o das irregularidades que teriam sido praticadas pela FRELIMO, aproveitando capacidades e/ou condições que lhe dão o controlo da organização e gestão do processo eleitoral.

A conduta não transparente assacada por diversos analistas ao partido governamental em Moçambique é encorajada por incapacidades organizativas da RENAMO-UE para as contrariar e evitar, assim como para lidar convenientemente com elas, depois da sua constatação, embora se considere que também lhe tem faltado apoio efectivo da comunidade internacional para secundar os seus protestos.

Na avaliação da acção política de Dhlakama, baseada em factos correntes e de conhecimento restrito, os dados disponíveis apontam as seguintes insuficiências e contradições como sendo as que mais agudamente afectam a sua reputação:

- Acomodou-se; está voluntariamente confinado à cidade de Maputo – a capital. Viaja cada vez menos pelo interior do país – uma única saída durante os primeiros sete meses deste ano, de duração curta, a Mocímboa da Praia, para apoiar o candidato da sua coligação a uma eleição intercalar de 21 de Março passado. A deslocação em si foi turbulenta: foram descobertas armas de guerra na sua bagagem de bordo e o seu candidato (Saíde Assane) foi derrotado pelo do partido FRELIMO (Amadeu Pedro Francisco), rescaldo que resvalou para confrontos violentos referenciados na edição de Outubro da Mais.

- Perdeu energia e sentido crítico; os seus discursos denotam conformismo a mais para empolgar o eleitorado da RENAMO-UE, cuja principal motivação advém, em larga escala,



Foto de ARTUR FERREIRA

DHLAKAMA Até quando na cadeira do poder da RENAMO?

de sentimentos anti-FRELIMO. Por exemplo, em 7 de Janeiro deste ano, a assistência abandonou um comício na cidade da Beira, na esteira de palavras de resignação de Afonso Dhlakama face à questão das irregularidades eleitorais de que acusava a FRELIMO.

• Contradiz-se e/ou é pouco consequente. As advertências e ameaças com que usualmente reage a atitudes reprováveis da parte da FRELIMO e do Governo raramente são concretizadas, assim se desacreditando. No rescaldo das últimas eleições, ameaçou que os deputados da coligação RENAMO-UE não tomariam posse sem um prévio compromisso político com o partido FRELIMO, destinado a pôr termo a diferendos no que toca ao resultado das eleições. Não houve compromisso, o que não impediu a posse.

Inabilidade e insegurança

De forma menos visível para o grande público, Afonso Dhlakama deixa transparecer inabilidade na forma como procura cativar ou garantir apoios externos que poderia aplicar com proveito no financiamento da actividade partidária. Também cuida agora menos da sua cultura geral do que num passado recente.

O presidente da RENAMO-UE é, em geral, respeitado pela determinação e coragem

que evidenciou como chefe de uma rebelião armada contra o regime de inspiração marxista-leninista soviética que a FRELIMO estabeleceu em Moçambique após a conquista da independência, em Junho de 1975. Moveu-lhe uma bem sucedida guerra de usura, cujo *leitmotiv* foi o combate à ideologia comunista.

Terminada a guerra civil em Outubro de 1992, Dhlakama fez grandes esforços para se ajustar depois ao papel de líder político – um designio facilitado pela avidez de se valorizar intelectualmente e pela sua intuição política. Tem a seu crédito a aplicação que revelou na preservação da paz negociada com o Governo da FRELIMO. Nos últimos tempos, porém, a sua acção tem revelado atitudes de crescente insegurança, como as seguintes:

- Controla apertadamente as finanças do partido, em grande parte baseadas numa dotação mensal da Assembleia da República de 3.15 biliões de meticais/mês, valor que diminuiu por efeito da redução do número de deputados da sua bancada nas eleições de 2004 (tem hoje 90 deputados, contra os 117 da anterior legislatura).

- Propende a rodear-se de pessoas menos capazes, provavelmente como forma de melhor conquistar a sua lealdade. Por exemplo, afastou recentemente dois muito competentes secretários-gerais, Joaquim

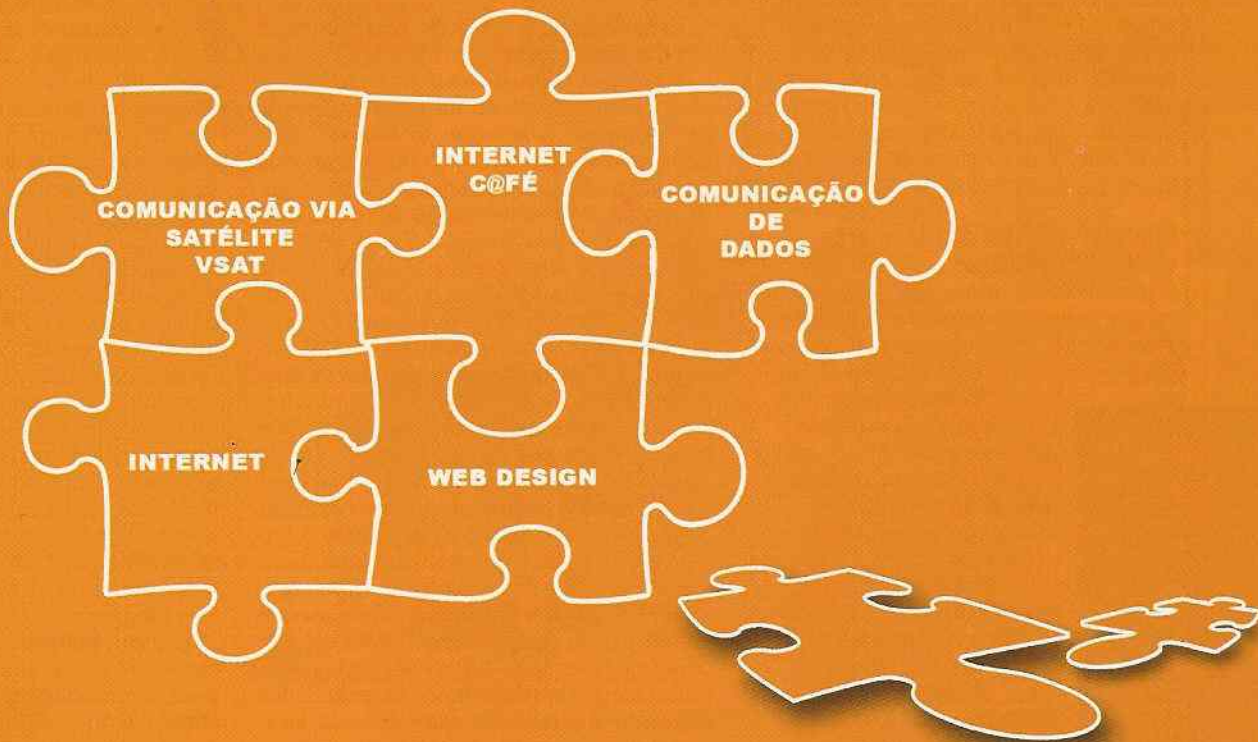
Vaz e Viana Magalhães. Distribuiu pelos seus seguidores incondicionais e/ou comprometidos seus, por métodos obscuros, lugares bem remunerados, em especial na Assembleia da República.

As fragilidades que a RENAMO-UE e a sua liderança apresentam são aproveitadas com mestria pelo partido FRELIMO para abalar ainda mais a sua coesão e impacto. Um partido de oposição forte e credível, capaz de exercer influência, ajuda a boa governação e a transparência, contribuindo assim para o desenvolvimento.

Daviz Simango em ascensão

Avaliações apropriadas da situação geral em Moçambique referem que a sociedade está a evoluir e em breve se tornará mais exigente no que toca à preparação e competência dos líderes políticos e dos governantes. Este fenómeno tende a penalizar o inconsequente e improvisador que por excelência é Afonso Dhlakama se a sua imagem não se modificar em sentido positivo e muito rapidamente.

A RENAMO-UE dispõe de uma nova geração de quadros com perfil equivalente ao que se espera do líder da oposição ao partido FRELIMO, nas presentes circunstâncias. O caso mais exemplar é o de Daviz Simango, actual presidente do Conselho Municipal



OFERECEMOS SOLUÇÕES QUE SE ENCAIXAM AS SUAS NECESSIDADES.

v. Ho Chi Min, 710, 5º andar

el.: (01) 35 35 00, Fax: (01) 32 16 04

Maputo

delegação - Beira: Tel.: (03) 32 05 66, Fax.: (03) 32 06 24

delegação - Nampula: Tel.: (06) 21 83 72, Fax.: (06) 21 81 07

www.teledata.mz



TELEDATA

Recolha de armas entra na segunda fase

O Conselho Cristão de Moçambique (CCM) arrancou, em Outubro, com a segunda fase do programa de Troca de Armas por Enxadas (TAE), depois de na primeira etapa terem sido recolhidas cerca de 600 mil armas das mãos de civis.

Apesar de ter sido implementado um programa de desarmamento fiscalizado pela ONU, envolvendo tropas governamentais da FRELIMO e a antiga guerrilha da RENAMO, hoje na oposição, após a assinatura do acordo de paz em 1992, ficaram por desactivar muitos esconderijos de material bélico, permitindo a proliferação de armas de fogo entre civis.

A situação levou o Conselho Cristão de Moçambique, que integra várias organizações religiosas, a conceber em 1996 uma iniciativa designada TAE, em que uma criança que entregue material de guerra recebe material didáctico. Se for uma mulher, tem em troca uma máquina de costura e, no caso dos homens, têm como contrapartida instrumentos agrícolas.

Depois de ter conseguido a recolha de 600 mil armas de fogo em alguns pontos do país, os responsáveis pelo TAE anunciaram o alargamento da iniciativa a mais províncias moçambicanas, avaliando o custo dessa operação em um milhão de dólares durante um ano.

O presidente do CCM, reverendo Arão Matsolo, afirmou que a recorrente utilização por civis a armas de fogo, em assaltos à mão armada e em cenas de violência doméstica, são alguns indícios de que ainda há muitos instrumentos de guerra em mãos impróprias.

Matsolo repudiou também a venda de brinquedos de guerra em muitos estabelecimentos comerciais do país, "pois incitam as crianças à violência".

Apesar das limitações apontadas, o TAE é uma referência internacional, tendo o CCM sido convidado, há dois anos, pelo Vaticano a expor objectos de arte fabricados por membros das duas antigas forças beligerantes a partir de armas destruídas.

Primeiro-ministro da Dinamarca visitou Moçambique

O primeiro-ministro dinamarquês, Anders Rasmussen, esteve em Moçambique numa visita que se enquadrou no âmbito da cooperação entre os dois países. Para além de encontros oficiais em Maputo, Rasmussen deslocou-se às províncias de Cabo Delgado e Tete onde acompanhou de perto acções realizadas graças aos apoios vindos do seu país.

A Dinamarca é desde 1994 um dos principais parceiros de cooperação com Moçambique. Contribui anualmente com cerca de 50 milhões de euros para apoio à reforma do sector público e às áreas da agricultura, educação, energia, saúde, meio ambiente e desenvolvimento do sector privado. Estes recursos são canalizados quer através de

apoio directo ao Orçamento de Estado, quer usando mecanismos de financiamento comum ou de financiamento directo a projectos.



Foto de ALBINO MARUMANA

DAVIZ SIMANGO Tido como o mais provável sucessor de Dhlakama

da Beira, a segunda cidade mais importante de Moçambique e única capital provincial controlada pela oposição em termos autárquicos.

Daviz Simango é filho de Uria Simango, um dirigente histórico da FRELIMO, com a qual rompeu no seguimento da crise interna aberta com a morte do primeiro presidente da Frente de Libertação de Moçambique, Eduardo Mondlane. Depois da eclosão da crise, Simango (pai) exilou-se no Cairo, Egipto, apenas regressando a Moçambique após o 25 de Abril em Portugal. Viu-se de novo perseguido e abandonou o país, escalando sucessivamente a Rodésia do Sul (hoje Zimbábue), África do Sul e finalmente Quênia. É a partir do Quênia que recebe um suposto convite para participar numa reunião de quadros da FRELIMO no Malawi em Novembro de 1974. Tratava-se de uma cabala porque quando ali chega é detido por elementos da *Special Branch* (policia secreta malawiana) então dirigidos por Albert Muwalo Nqumaio (descendente da linhagem do histórico imperador de Gaza, Ngungunhana) que o entregam à FRELIMO na fronteira de Milange. Daqui seguiu para Quelimane e de depois é levado para o campo da FRELIMO em Nachingwia (Tanzânia). Seria mais tarde morto num campo de reeducação, às ordens dos seus antigos camaradas, cerca de meia década após a independência nacional.

Notoriedade da Ala Dura

O próprio antigo Presidente da República, Joaquim Chissano, costuma apontar a Beira

como o mais dinâmico município do país. Esta apreciação, muito generalizada mesmo junto do cidadão comum daquela cidade, é atribuída a méritos pessoais e políticos de Daviz Simango. A saber: a sua competência e dedicação, mas também modéstia e espírito de solidariedade.

A possibilidade de o futuro lhe vir a reservar um papel importante na RENAMO, partido a que está ligado por adesão não muito distante, é associada aos seus atributos pessoais e políticos, mas também à imagem de tolerância e sentido de missão que lhe são reconhecidos mesmo pelos seus rivais políticos, incluindo militantes seniores do partido governante – FRELIMO. O apelido que ostenta também tem peso.

Analistas habilitados do *inside* da política moçambicana notam que o partido FRELIMO e o regime têm agora políticas e condutas mais rígidas do que era normal no passado recente da administração de Joaquim Chissano. Apesar de ter sido com muita relutância, tolerou uma vitória da RENAMO-UE na Beira, contornando protestos da ala dura hoje muito activa e visível do partido do *batuque e da maçaroca*.

Em meios políticos e académicos europeus, cientes de que as eleições em África são, em geral, exercícios pouco transparentes, estão a afirmar-se teses segundo as quais tal estado de coisas não deve ser tolerado como um mal necessário decorrente da aprendizagem democrática, mas contrariado de modo a evitar ressentimentos e ódios que minarão ainda mais a coesão nos países do continente tido como *berço da humanidade*. ■